

O MULATO “GREGO”: SOBRE O “EMBRANQUECIMENTO” DE MACHADO DE ASSIS

Maurício Pucu Gonçalves - (mestrando em Literatura Comparada, Ciência da Literatura, UFRJ)

“Mulato – dirá seu querido Joaquim Nabuco – só vi nele o grego!”

(JOSÉ GUILHERME MERQUIOR, *De Anchieta a Euclides: Breve História da Literatura Brasileira*)

Resumo

Um espectro ronda o escritor Machado de Assis: o espectro do “embranquecimento”. Desde o mal-estar causado, por exemplo, em Sílvio Romero – um dos principais críticos literários do final do século XIX – pela influência inglesa em seus trabalhos até o silêncio e/ou desprezo dos atuais movimentos negros, o espaço sócio-ideológico ocupado pelo autor de *Memorial de Aires* (“o livro mais bem escrito em português que há”¹) sempre foi tema conflitante. Não é rara a caracterização de Machado como funcionário público fisiológico, ardiloso burguês e mulato omissos em relação ao abolicionismo. Um intelectual do porte de um Nelson Werneck Sodré, mesmo reconhecendo as qualidades artísticas do autor, também desenhou esse Machado traidor de sua “raça” e de sua classe² (o filho de Francisco José e Maria Leopoldina nasceu, em 1839, no Morro do Livramento, e pertenceu aos extratos mais baixos da sociedade fluminense.). O porquê desse sistemático ressaibo é o que tentarei explicar.

A Modernidade, em seu sentido lato, que colocou em dúvida o poder da Razão (Montaigne) e, paradoxal e lentamente, despiu o Homem da idéia de Deus (Nietzsche), abandonando-o aos caprichos da sua (des) humanidade (o bestializado século XX), começou com o projeto civilizacional europeu, ali em meados do século XV. A expansão marítima da Europa, além das óbvias razões econômicas, pretendia-se disseminadora de valores universais. O que era, no fundo, um particularismo cultural foi impingido como soberano *modus vivendi*. Todavia, essa empreitada necessitava de abundante mão-de-obra; para o funcionamento das caravelas, o cultivo dos campos, os afazeres e domésticos, enfim, para todos os serviços que hoje em dia reconhecemos pela má-remuneração.

Mais do que escravizar o negro africano, o europeu referendou a invenção imaginária, mítica, de um povo maldito, construída muito tempo antes com o intuito de uma subjugação em “massa”. Esclarece-nos o poeta e diplomata Alberto da Costa e Silva:

Essa discriminação por raça fazia-se ao arpejo dos ensinamentos do islamismo. Para este, os homens só se distinguem entre fiéis e infiéis, entre pertencentes à *umma* (ou comunidade dos crentes) ou estarem fora dela. O aumento da escravização dos negros foi acompanhado, no entanto, por uma engenhosa construção ideológica, segundo a qual se fundava a justiça do cativo não só no fato de serem incréus, pagãos ou idólatras, mas também no anátema lançado por Noé contra os filhos de Cam. Embora no texto bíblico se expresse claramente que a maldição deveria cair sobre Canaã e não sobre Cuxe, de quem descenderiam os negros, ganhou foros de verdade a versão de que a praga de Noé fizera dos filhos de Cam não apenas escravos mas também pretos. Foi em autores árabes que essa adulteração, que já figurara em alguns escritos judeus e cristãos e iria ter ampla voga na América escravista, tomou forma e se tornou o fundamento de um vínculo estreito entre a cor da pele e a escravidão.

Teria sido no mundo islâmico – escreveu o historiador queniano Bethwell A. Ogot – que a pele negra se tornou símbolo de inferioridade e a África sinônimo de escravidão.³

É importante ressaltar o *cordon sanitaire* (tomo emprestada a expressão lida em “A Era dos Extremos”, de Eric Hobsbawn.. O *cordon* foi o isolamento geográfico imposto a U.R.S.S. após a Primeira Guerra Mundial)⁴ criado ao redor do negro. Os termos e os conceitos, como os países acolá, formaram uma corrente difícil de se arrebanar. Expressões pejorativas foram criadas para alijar ideologicamente o negro do mundo dos “brancos”. Selvagem, boçal, incapaz, preguiçoso, o africano assim visto pelo dominador perdeu o contato com seu mundo, ou teve essa sensação. A diáspora africana, mais do que tirar-lhe a liberdade, privou-o de sua casa natural, de seu chão imutável. Este sentimento ainda está vivo, o sentimento de exílio. Não obstante o negro africano encontrar-se ligado à construção do Ocidente moderno, há quem veja nisso impureza cultural (o contato com os brancos) e mínima contribuição (participação numa história alheia). Eis um dos pontos cardeais da questão.

O Velho Continente, aristocrático, inventou tradições para si na ânsia de legitimar-se perante o mundo e diante de suas próprias ações. Associou conceitos díspares – raça e nação, inicialmente. Acreditou-se superior, cada nação com suas tradições e “superioridades” específicas, sem entender que raça é um conceito meramente biológico, e nação é um “agrupamento político autônomo que ocupa território com limites definidos e cujos membros, ainda que não necessariamente, com a mesma origem, língua, religião ou raça (como fazia crer um conceito mais antigo), respeitam instituições compartilhadas”.⁵ Sofisticou-se o Império, mais adiante, quando entrou em cena a “racialização” da língua. Através do filósofo alemão Johann Gottfried Herder introduziu-se a noção do *Sprachgeist* (o “espírito” da língua):

(...) nacionalidade vivia sobretudo em sua civilização; seu principal instrumento era sua língua: não um instrumento artificial, mas um dom de Deus, guardião da comunidade nacional e matriz de sua civilização. Assim, a língua, a língua nacional, tornou-se um instrumento sagrado; cada homem só poderia ser ele mesmo ao pensar e criar em sua própria língua. Juntamente com o respeito por todas as outras nacionalidades, havia o respeito por suas línguas.⁶

A combinação entre esses três elementos fundamentais – raça, língua e nação – tornou-se vital para a identidade dos grupos étnicos europeus. Detentores dessa unidade ideológica, impuseram-na aos seus cativos.

¹ Francis, Paulo. Waal: dicionário da corte de Paulo Francis. P- 170.

² Sodré, Nelson Weneck. História da Literatura Brasileira. P- 500

³ Silva, Alberto da Costa e. A manilha e o libambo. Pgs.- 58/9

⁴ Hobsbawn, Eric. A era dos extremos. P- 40.

⁵ Houaiss, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. P- 1990.

⁶ Appiah, Kwame Anthony. Na casa de meu pai. P- 81.

Houve resistência: os escravos fugidos, os quilombos e, principalmente, os costumes. Estes, transmitidos de uma geração para a outra, mesmo misturando-se com os hábitos de outros grupos étnicos, ganharam, no século passado, foros de Cultura. O desejo de uma identidade levou uma parte da comunidade negra a repetir o caminho percorrido outrora pelo seu opressor. A África (uma África com “sabor” pré-colonial) tornou-se um espaço atemporal,

uma grande mãe pronta para receber e ninar seus filhos. Nascia uma instituição chamada Cultura Negra. *Say it loud, i'm black, i'm proud*, ouvia-se nos nos idos de sessenta. Batas, músicas, línguas, tribos, raças, caíram os negros na sorradeira esparrela do nativismo cultural. É verdade, como escreveu o já citado Nietzsche, que algumas inverdades são válidas se elas nos fazem viver. Esse tempo de afirmação foi um momento importante para que o “Rejeitado” mergulhasse em si e superasse seus traumas; foi um tempo de batalhas externas, lutas cruciais. Mas as adolescências precisam ser ultrapassadas; um homem, afinal de contas, não passa duas vezes num mesmo rio, a mudança é o “sentimento do mundo”.

Cultura Negra é uma noção sem aferição na realidade. Antigo escudo de guerra, é um conceito sincrético que determina um espaço antropológico (algo adquirido) através de um componente inato ao homem (a cor da pele, terreno da biologia). Aceitar o termo é acreditar que exista um “fazer” que seja condicionado pela epiderme negra; indo mais longe, é cogitar um modo de ser “negro”: um “Ser”, filosoficamente falando, negro. O novo e simbólico Quilombo, ao procurar uma pureza “original”, livre do encontro com o opressor (que é justamente a especificidade da cultura afro-brasileira), iguala-se, inconscientemente, aos pensamentos mais racistas da Europa Imperialista, além de sofrer de um mal que apelidarei de o “mal de Domingos Jorge Velho”(Domingos foi o bandeirante que exterminou o famoso quilombo dos Palmares, capturando – reza a lenda – o líder da resistência: Zumbi).

Toda vez que o negro afirma uma identidade através do “particularismo” acima exposto, ele é “capturado” pela sua ideologia ,e torna-se refém da própria imagem. A política da diferença, aqui, ratifica o estereótipo e reafirma o *cordon sanitaire*, ao privar as comunidades negras das especificidades sociais, políticas, culturais e ideológicas erigidas deste lado do Atlântico. Não é um problema exclusivamente local, muito pelo contrário, diz-nos o intelectual ganês Kwame Anthony Appiah:

“As tradições inventadas, importadas da Europa, não apenas forneceram aos brancos modelos de comando, como também ofereceram a muitos africanos modelos de comportamento ‘moderno’. As tradições inventadas das sociedades africanas – quer inventadas pelos europeus, quer pelos próprios africanos a título de resposta – distorceram o passado, mas se tornaram, em si mesmas, realidades mediante as quais se expressou grande parte do encontro colonial.”

(...) Na verdade (...) a própria invenção da África (como algo mais do que uma entidade geográfica) deve ser entendida, em última instância, como subproduto do racismo europeu; a idéia de pan-africanismo fundamentou-se na noção do africano, a qual, por sua vez, baseou-se, não numa autêntica comunhão cultural, mas, como vimos, no próprio conceito europeu de negro. “O negro”, escreve Fanon, “nunca foi tão negro quanto a partir do momento em que foi dominado pelos brancos”. Mas, a realidade é que a própria categoria de negro é, no fundo, um produto europeu, pois os “brancos” inventaram os negros a fim de dominá-los. Dito de maneira simples, o curso do nacionalismo cultural na África tem consistido em tornar reais as identidades imaginárias a que a Europa nos submeteu.

E conclui, mais adiante:

O nativismo convida-nos a conceber a nação como uma comunidade orgânica, unida pelo *Sprachegeist*, pelas normas comuns que são o legado da tradição, e lutando para se desvencilhar dos grilhões dos estilos de vida e pensamento estrangeiros. ‘Eis-me aqui’, escreveu certa vez Senghor, ‘tentando esquecer a Europa no coração pastoril do *Sine* (uma região do Senegal – grifo meu).’ Para nós, porém, esquecer a Europa é eliminar os conflitos que moldaram nossas identidades; e, como é tarde demais para escaparmos uns dos outros, poderíamos, em vez disso, tentar colocar a nosso favor as interdependências mútuas que a história lançou sobre nós. ⁷

Machado de Assis, fino humorista, educado na cartilha do opressor, estava principalmente preocupado com as misérias da existência. Seu pessimismo torna-se universal quando imiscui-se na alma humana. O cético morador do Cosme Velho enxergou a disjunção entre a vida íntima do homem e a realidade circundante; percebeu o quanto existe de arbitrário nas leis criadas pelo auto-nomeado animal racional. Só um grande escritor poderia ter criado um texto como o capítulo CXVII do romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. Lá, o defunto-narrador Brás Cubas relembra o sistema filosófico criado pelo seu amigo Quincas Borba: o *Humanitismo*. Este, além de ser uma paródia aos sistemas filosóficos vigentes – sistemas que pregavam a superioridade de certas “raças” - , tornou-se uma crítica ácida a todo impulso dogmático. E mais, para aqueles que o acusam (ou acusaram-no) de “embranquecimento” , há, de forma exemplar, um ataque à escravidão. Como sua é música sutil, poucos ouviram o “negro de alma branca”.

O *Humanitismo*, segundo Quincas Borba, é a celebração da vida, da substância criadora e absoluta – “Humanitas”. A única desgraça para o *Humanitismo* seria não nascer. “Humanitas”, portanto, é o princípio vital que rege os homens:

Imagina, por exemplo, que eu não tinha nascido, continuou o Quincas Borba; é positivo que não teria agora o prazer de conversar contigo, comer batata, ir ao teatro, e para tudo dizer numa só palavra: viver. Nota que eu não faço do homem um simples veículo de Humanitas; não, ele é ao mesmo tempo veículo, cocheiro e passageiro; ele é o próprio Humanitas reduzido; daí a necessidade de adorar-se a si próprio. Queres uma prova da superioridade do meu sistema? Contempla a inveja. Não há moralista grego ou turco, cristão ou muçulmano, que não troveje contra o sentimento da inveja. O acordo é universal, desde os campos da Iduméia até o alto da Tijuca. Ora bem; abre mão dos velhos preconceitos, esquece as retóricas rafadas, e estuda a inveja, esse sentimento tão sutil e tão nobre. Sendo cada homem uma redução de Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente o oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências

contrárias.

Assim, por exemplo, o algoz que executa o condenado pode excitar o vão clamor dos poetas; mas substancialmente é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas. O mesmo direi do indivíduo que estripa a outro; é uma manifestação da força de Humanitas. Nada obsta (e há exemplos) que ele seja igualmente estripado. Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude.

Armado o circo, invertidos os valores, as armas do Império voltadas, sem violência, contra seu Rei, Machado mostra toda sua irreverência, que aqui nos interessa:

(...) Tinha uma asa de frango no prato, e trincava-a com filosófica serenidade. Eu fiz-lhe ainda algumas objeções, mas tão frouxas, que ele não gastou muito tempo em destruí-las.

Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, importa não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em cada homem. Olha: a guerra, que parece uma calamidade, é uma operação conveniente, como se disséssemos o estalar dos de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa do frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera. *Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este meu frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados com o único fim de dar mate ao meu apetite.*(grifo meu)⁸

Interpretar as passagens citadas e dar especial atenção à parte grifada, talvez seja incorrer em mera paráfrase. Mas, e daí? É saudável repetir que o escritor, com a criação do inusitado sistema, leva às raias do absurdo as generalizações dos homens, os pensares humanos. A banalização da escravidão, como estágio natural de “Humanitas”, é um trabalho de exposição cruel do modo como os homens se tratam e se organizam. Mais do que “tomar o partido de algo”, Machado sabe que não há “partidos” nem “algos”. Tudo é versão, injustiça e miséria.

Machado de Assis é um mal-estar na sociedade brasileira porque desmontou o padrão estético-social inventado para o negro. Não fez literatura racial ou de denúncia, embora tenha exposto as mazelas do Brasil ironizando sua classe dirigente. Pobre, fez-se intelectual dentro da cultura dominante, construindo uma obra que, para leitores atentos, não foge aos embates políticos e sociais de seu tempo. Também tornou-se, nessa língua e nessa arte do dominador, paradigma de excelência. Machado, no século XIX, já era esse “entre-lugar” descoberto por escritores negros contemporâneos (vide K.A.Appiah). O “mulato grego” Machado de Assis incomoda, porque destruiu vários de nossos *humanitismos*. E tenho dito.

⁷ Ibidem, Pgs – 96; 110.

⁸ Assis, J.M. Machado de. *Obra completa*. Pgs.- 115/6.

BIBLIOGRAFIA

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da Literatura**

Brasileira – I. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa** – I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1985. Org. Afrânio Coutinho.

FRANCIS, Paulo. **Waal: o dicionário da corte de Paulo Francis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Org. Daniel Piza

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

SILVA, Alberto da Costa e. **A manilha e o libambo**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Editora Nova Fronteira, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.